



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO**

**WAGNA C. FERREIRA MOURA**

**A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DAS ESCOLAS COMO INDICADOR DE  
QUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAJAZEIRAS - PB**  
**2019**

**WAGNA C. FERREIRA MOURA**

**A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DAS ESCOLAS COMO INDICADOR DE  
QUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, no curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira**

**CAJAZEIRAS - PB  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

M929c Moura, Wagna C. Ferreira.

A configuração espacial das escolas como indicador de  
qualidade no ensino fundamental / Wagna C. Ferreira Moura. -  
Cajazeiras, 2019.

48f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira.

Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2019.

1. Qualidade em educação. 2. Geografia - ensino. 3. Espaço  
escolar. 4. Ensino fundamental. I. Oliveira, Aldo Gonçalves de. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação  
de Professores. IV. Título.

**WAGNA C. FERREIRA MOURA**

**A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DAS ESCOLAS COMO INDICADOR DE  
QUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Graduação, Curso de Licenciatura plena em Geografia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira

Unidade Acadêmica de Geografia- UFCG


Orientador



Prof.ª. Me. Maria do Socorro Moura Paulino

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN

Examinadora 1



Prof.ª. Dra. Cicera Cecília Esmeraldo Alves

Unidade Acadêmica de Geografia- UFCG

Examinadora 2

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

Em um gesto de gratidão, dedico este trabalho aos meus pais, pelos esforços e dedicação para ver sua filha formada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por não ter me permitido desistir, por me confortar e me tranquilizar e principalmente me proteger. A ti Senhor, toda honra e glória.

Aos meus amados pais, pois tiveram momentos que não foram fáceis, mas que com toda bondade e paciência me deram força para continuar.

Aos meus irmãos, obrigado pela força e união (nem sempre), foram muito importantes para a minha estadia na universidade.

Ao meu orientador maravilhoso, por tanta dedicação na construção deste trabalho, obrigada por tornar a monografia um trabalho mais leve e prazeroso.

Sou eternamente grata às professoras que tanto me inspiraram ao longo da jornada educativa, em especial às de Geografia que fazem parte da minha vida. Socorro Paulino, Janierk, Cecília Esmeraldo e Ivanalda Dantas.

Aos meus tios Waldilene e Manoel por acreditarem tanto em mim, e na minha formação, me dando exemplos e rezando por mim. Obrigada também aos demais tios que se preocuparam e ficaram felizes com essa conquista.

Meus amigos, obrigada a vocês por tornarem a minha vida acadêmica mais leve e divertida, sem vocês a permanência no curso não seria tão prazerosa, Pierre, Thayanne, Priscila, Raquel, Dyones, Fabelida, Erlaine, Suênia e Marcelo entre tantos outros, que me agüentaram nesses quatro anos e meio e se tornaram especiais em minha vida.

Agradeço aos meus amigos externos a Universidade, César e Tamires, pelo apoio e pela confiança no meu potencial e responsabilidade, até mesmo quando nem eu mesma acreditava.

E por fim, mas não menos importante: Agradeço a mim mesma, não foi fácil, mas eu consegui!

Piés, para qué los quiero si tengo alas pa' volar?  
(FRIDA KALHO)

**ERRATA**

MOURA, W.C.F. Geografia. 2019. 45 f. Trabalho de Conclusão (licenciatura plena em Geografia) — Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

<b>FOLHA</b>	<b>LINHA</b>	<b>ONDE SE LÊ</b>	<b>LEIA-SE</b>
20	(MAPA)	CAJAZIRA	CAJAZEIRAS



## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso realiza um diagnóstico espacial da Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor João Milanez tomando como referência o quantitativo de estudantes por turma na relação com os espaços disponíveis na escola para as práticas de ensino e aprendizagem em Geografia. Nessa direção, foram implementados procedimentos de pesquisa para conhecer a densidade da população da escola investigada e refletir sobre a qualidade espacial das escolas de Ensino Fundamental para a aprendizagem geográfica nesta etapa da escolarização. Para refletir tal problemática foi feita uma pesquisa bibliográfica que envolveu a identificação, catalogação, leitura e discussão de uma série de referências teóricas, jurídico-legais e metodológicas que balizam a discussão. A seguir, foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor João Milanês, localizada em Cajazeiras – PB. A pesquisa de campo permitiu coletar uma série de dados a partir de: a) observação, vivência e descrição do cotidiano escolar; b) Acesso, leitura e reflexão do Projeto Político Pedagógico da escola; c) Realização de entrevistas com a direção da escola e com os professores de Geografia da referida instituição. A pesquisa partiu, nesse sentido, de uma abordagem qualitativa dos dados coletados, o que permitiu identificar não apenas uma limitação, como uma subutilização do espaço da escola para o desenvolvimento das aulas, atividades de leitura na biblioteca e na sala de informática e demais atividades de ensino no pátio da escola em função do tamanho das salas na relação com a quantidade de estudantes. Tal configuração compromete a qualidade espacial (conforto térmico, sonoro, de mobilidade e de pesquisa) do trabalho escolar, dificultando a organização de práticas de ensino da Geografia, contextualizadas com as demandas contemporâneas colocadas para os saberes escolares.

Palavras-chave: **Espaço escolar; Qualidade em educação; Geografia Escolar; Ensino Fundamental.**

## ABSTRACT

This Course Conclusion Paper performs a spatial diagnosis of the Monsenhor João Milanez State Elementary School, taking as reference the number of students per class in relation to the spaces available in the school for teaching and learning practices in Geography. In this direction, research procedures were implemented to know the population density of the school investigated and to reflect on the spatial quality of elementary schools for geographical learning in this stage of schooling. To reflect this problem, a bibliographic research was carried out that involved the identification, cataloging, reading and discussion of a series of theoretical, juridical and methodological references that guide the discussion. Next, a field research was carried out at the Monsenhor João Milanês State School of Elementary Education, located in Cajazeiras - PB. The field research allowed to collect a series of data from: a) observation, experience and description of the school daily life; b) Access, reading and reflection of the pedagogical political project of the school; c) Conducting interviews with the school's management and with the geography teachers of that institution. In this sense, the research started from a qualitative approach of the collected data, which allowed us to identify not only a limitation, but also an underutilization of the school space for the development of classes, reading activities in the library and the computer room and other activities. in the school yard as a function of the size of the classrooms in relation to the number of students. Such configuration compromises the spatial quality (thermal, sound, mobility and research comfort) of school work, making it difficult to organize geography teaching practices, contextualized with the contemporary demands placed on school knowledge.

**Keywords:** School space; Quality in education; School geography; Elementary School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. QUALIDADE EM EDUCAÇÃO X QUALIDADE ESPACIAL: uma discussão introdutória.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 O Contexto espacial e o objeto da pesquisa.....</b>	<b>20</b>
<b>2. SOBRE A RELAÇÃO “ALUNOS X TURMA” COMO INDICADORA DE QUALIDADE EM EDUCAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>3. A QUALIDADE ESPACIAL NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES SUJEITOS ESCOLARES.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 A gestão da escola na perspectiva da organização do espaço.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 O professor de Geografia e a percepção sobre o espaço escolar.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APENDICE.....</b>	<b>45</b>

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Base
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo geral, discutir a relação entre a aprendizagem geográfica na relação com a quantidade de estudantes por professor, considerando a espacialidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor João Milanês, ou seja, a configuração deste ambiente escolar no que diz respeito às possibilidades que suscita para os processos de ensino e aprendizagem em Geografia. Diante deste objetivo, percebeu-se a necessidade de compreender o funcionamento de toda a dinâmica e estrutura da escola, a fim de discutir como as práticas desenvolvidas no espaço escolares são afetadas pela qualidade espacial em que os processos de ensino ocorrem.

Quando partimos para a pesquisa, devemos levar em consideração os dois fatores importantes atrelados às pesquisas vigentes no nosso país, mesmo não sendo exclusividade nossa. O primeiro é o tipo de pesquisa onde buscam generalizar, definindo conceitos que já são conceitos estabelecidos, a fim de criar ou formar programas ou políticas públicas, onde observando de forma rápida e para o interesse do social e educacional do povo, mas que se analisarmos com clareza é possível ver que existem muitas outras verdades e vertentes por trás das boas intenções políticas. E a segunda é confiar que o pesquisador é um ser neutro, que durante toda a pesquisa, não se obteve a analisar alguns aspectos com os seus próprios olhos, baseando-se nas suas experiências, crenças e ideologias.

Compartilhamos, nesse sentido, do entendimento de Paraíso e Meyer (2012, p. 15), segundo o qual “Uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um como fazer, como fazer ou como faço a minha pesquisa. Trata-se dos caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar. De forma que sempre têm por base um conteúdo”. A pesquisa deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelos objetivos do pesquisador e pelas perguntas formuladas. Tal abordagem é definida como pesquisa qualitativa que, nas palavras de Mattar (2001), busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande número de casos representativos, recomendando um curso final da ação. Desse ponto de vista, definimos os seguintes objetivos específicos que complementam nosso objetivo geral, são eles:

- ❖ Refletir sobre o conceito de qualidade em educação, considerando a configuração espacial da escola.
- ❖ Elaborar um diagnóstico espacial da escola.
- ❖ Relacionar a quantidade de alunos por turma com os espaços disponíveis na escola para as atividades escolares.

- ❖ Problematizar a percepção da gestão da escola na organização dos espaços escolares.
- ❖ Discutir o posicionamento do professor de geografia em relação à operacionalidade do espaço escolar para os processos de ensino e aprendizagem escolar.

Para concretizar tais objetivos partimos dos seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Estudo de campo, que permitiu observar, descrever e analisar a configuração espacial da escola, tendo como prerrogativa a produção de registros fotográficos que materializaram boa parte da análise da instituição em que a pesquisa se realizou. Foi ele que subsidiou a realização do diagnóstico espacial da escola e a análise do Projeto Político Pedagógico da Escola. Para Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p. 9) “O estudo de campo qualitativo não tem um significado preciso em quaisquer das áreas onde sejam utilizados. Para alguns, todos os estudos de campo são necessariamente qualitativo e, mais ainda, como já comentado, identificam-se com a observação participante”.
- b) Entrevistas semiestruturadas realizadas com a gestão da escola e um dos professores de Geografia que atua nos anos finais do Ensino Fundamental. Nas palavras de Fraser, Gondim e Bahia (2004, p. 12) “A entrevista qualitativa tem a finalidade de atender aos objetivos da pesquisa, que podem ser diversos. Ela pode ser utilizada como a única técnica de pesquisa, como técnica preliminar ou ainda associada a outras técnicas”. As entrevistas foram transcritas e a fala dos autores foi utilizada na íntegra, mas sem fazer menção ao nome dos sujeitos da pesquisa.

Partindo de tais objetivos e assumindo tais procedimentos metodológicos de investigação, o presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos um entendimento de qualidade em educação e contextualizamos o local da pesquisa, de forma que entendamos todo o contexto a qual ela está submetida, e os aspectos que tornaram a pesquisa interessante para a área, da educação e da geografia. Autores como Mofate (2016) e Pessoa (2017), nos abriram um leque de oportunidades, ao nos apresentar temas que muitas às vezes passam-se despercebido, por mais que eles se apresentem com bastante frequência dentro da sala de aula e na escola como um todo.

O segundo capítulo tem um enfoque voltado para dentro da sala de aula, visto a necessidade de uma análise mais detalhada sobre essa relação, quantidade de aluno por turma, levando em consideração a qualidade da educação e do aprendizado, e como essa relação interfere diretamente na aula de geografia, da educação básica. Para que essa discussão fosse

mais relevante e enriquecedora, foi necessária a leitura da LDB e de alguns projetos de lei pertencente ao mesmo interesse.

No terceiro capítulo, estará o estudo de caso, em que problematizamos como diferentes sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem percebem a questão da qualidade espacial como um indicador importante para refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem escolar. Turmas com população densa, salas bastante antigas, pois o prédio foi construído na década de 30, sendo então um prédio já tombado pelo Estado, sua estrutura física possui aspectos para ser analisado, como espaço disponível para atividades extracurriculares, ou para dinâmicas educacionais que os professores tenham interesse em desenvolver, área de recreação e convivência social e cultura. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## **1. QUALIDADE EM EDUCAÇÃO X QUALIDADE ESPACIAL: uma discussão sobre a qualidade dos espaços escolares.**

Tendo em mente a necessidade de uma educação de qualidade e considerando que este processo pelo qual os indivíduos passam no percurso de sua jornada educativa, estamos sempre em busca de melhorias, para que a educação não se detenha apenas ao ato de “educar por educar”, mas, que venha a ocorrer como uma prática democrática e qualificada. O termo qualidade nos remete a diversos conceitos, mas ambas as definições aborda a ideia de quê, qualidade não é algo singular, o termo qualidade está diretamente ligado com a comunidade e com um bem está social, numa ideia de que a qualidade implica se sobressair, na perspectiva de se superar metas e barreiras, na educação melhorar o desempenho e superar as dificuldades é um sinônimo de qualidade. Nessa direção, nos parece oportuna a definição de Gadotti, (2013, p. 2), segundo qual:

Qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas. Na educação a qualidade está ligada diretamente ao bem viver de todas as nossas comunidades, a partir da comunidade escolar. A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela.

A educação escolar é considerada na contemporaneidade, uma promessa de ascensão social, mas, para que isto se materialize é preciso que essa educação possua um nível de qualidade. É por meio dela que se abrem as portas para uma melhor formação como cidadão, e conseqüentemente uma formação acadêmica, eleva-se o número de oportunidades para se obter melhores condições de trabalho, ou seja, trabalhos esses que exigem mão de obra qualificada e especializada.

De acordo com Gadotti (2013), falar em qualidade social da educação é falar de uma nova qualidade, onde se acentua o aspecto social, cultural e ambiental da educação, em que se valoriza não só o conhecimento simbólico, mas também o sensível e o técnico. Faz-se necessário caminharmos sempre em direção a uma educação crítica social e de qualidade, Educação esta que depende diretamente, mas, não exclusivamente da Escola, é por meio desta instituição, que às instituições públicas educacionais formam sujeitos capazes de compreender



a dinâmica da sociedade, para que isso ocorra é necessária uma educação com qualidade social, que de acordo com o MEC:

A educação com qualidade social e a democratização da gestão implicam a garantia do direito à educação para todos, por meio de políticas públicas, materializadas em programas e ações articuladas, com acompanhamento e avaliação da sociedade, tendo em vista a melhoria dos processos de organização e gestão dos sistemas e das instituições educativas. Implicam, também, processos de avaliação, capazes de assegurar a construção da qualidade social inerente ao processo educativo, de modo a favorecer o desenvolvimento e a apreensão de saberes científicos, artísticos, tecnológicos e sócio-históricos, compreendendo as necessidades do mundo do trabalho, os elementos materiais e a subjetividade humana (MEC, 2009, sp)

O acesso a todos a uma educação de qualidade, de forma geral a todos os indivíduos, assegura uma diminuição das desigualdades sociais, igualando às oportunidades, e em consequência os resultados. Uma educação sem diferenças para as crianças de classes altas e de classe baixa é um passo importante para redução das desigualdades sociais. França e Gonçalves (2012) afirmam que existe uma relação entre o desempenho do sistema público de ensino e as características do sistema político, ou seja, se o sistema político melhora a educação, investindo nas escolas públicas, ocasiona uma diminuição na desigualdade social, aumentando as oportunidades entre os indivíduos.

Em decorrência da importância de uma educação de qualidade para a formação de um ser crítico e social, surgem algumas dúvidas sobre o desempenho escolar, não apenas dos alunos de forma generalizada, mas, de uma avaliação singular. É possível um professor (a) de geografia dispor de uma atenção igualitária a uma turma, seja ela com 20, 30 ou mais alunos, de forma a suprir as carências de conhecimento de todos? E como o professor age diante dessa situação? É possível planejar uma metodologia que atenda a esta problemática, como?

É necessário entender como se dá a dinâmica da sala de aula, como flui a relação aluno por professor, entender quais fatores decorrentes do número de alunos contribuem para o desordenamento da aula. Como o desconforto térmico, o desconforto acústico, e o espaço reduzido e ausência de iluminação adequada. Dificultando o transitar do professor em sala de aula, que nada mais é do que um gesto de aproximação e vínculo entre professores e alunos. Além disso, carteiras muito próximas tendem a aumentar as chances de dispersões no decorrer das aulas, afinal os alunos ficam muito próximo uns dos outros. A qualidade do ensino ministrado nas escolas não depende de forma alguma unicamente do professor, assim como não depende unicamente do desempenho do aluno, a um conjunto de objetos que interferem de forma direta na qualidade do ensino.

São inúmeros os trabalhos na área da educação, mas, muito raros os estudos decorrente da relação alunos professor na educação básica e, quando se fala em quantidade de alunos na relação com a qualidade educacional, os trabalhos ficam cada vez mais escassos. Entre os trabalhos que se dedicam a essa discussão, destacam-se as pesquisas de Mofate (2017), Silva e Muzardo (2016) e Pessoa (2017). Embora tais pesquisas não estejam centralizadas na reflexão sobre a qualidade escolar, os autores discutem como as configurações dos espaços escolares influenciam nos processos de ensino e aprendizagem escolar. Desse ponto de vista, Mofate (2016) destaca em sua tese os problemas relacionados a alta densidade populacional nas escolas de Moçambique, fazendo uma relação com as políticas públicas de seu país e de outros lugares do mundo. Ele destaca que:

Em alguns países como Estados Unidos da América e Reino Unido, o fenômeno das turmas grandes constitui preocupação não só para os profissionais dos sistemas educativos nos vários níveis de funcionamento destes, como, também, para a sociedade em geral. Assim, as escolas que possuem turmas pequenas (menos de 20 alunos) têm vindo a ser um atrativo tanto para os pais e encarregados de educação, como para os professores (MOFATE, 2017, p.23).

O autor supracitado deixa evidente como a percepção de qualidade em educação escolar está ligada a disposição de espaço na relação com a quantidade de alunos para realização das atividades de ensino desenvolvidas nas escolas. Problematizando a configuração espacial das escolas, no que diz respeito a sua arquitetura Silva e Muzardo (2016), fazem uma análise bastante interessante sobre como a arquitetura interna e externa da escola pode influenciar nas atividades, nas relações e, principalmente no aprendizado dos estudantes.

Nas pesquisas o tamanho das escolas e das turmas não possui tanta importância como no senso comum, sendo assim, poucas pesquisas são feitas na área, mesmo sendo de conhecimento de todos tal problemática. Gomes (2005, p. 285. apud. HARLING-HAMMOND, 1997) constatou que escolas pequenas, de 300 a 500 alunos, alcançam aproveitamento mais alto, maior assiduidade, menor evasão e menor indisciplina, considerando, assim, o tamanho da escola como variável importante. Contudo, existem algumas controvérsias a respeito dessa problemática, de acordo com o trabalho de Gomes (2005, p. 286) Na América Latina as pesquisas não encontram relação com o rendimento ou produzem evidências pouco claras. Novamente ressaltando a falta de pesquisa específica nessa área.

Pessoa (2017), em sua tese que tematiza os professores de geografia em início de carreira, discutiu as dificuldades e perspectivas para com a docência. Chamou atenção à análise realizada pelo professor, o fato de que em quase todos os entrevistados, citam como uma dificuldade trabalhar com turmas com uma densidade populacional alta. Embora os sujeitos da pesquisa realizada pelo professor não tenham definido o número exato de alunos por turma, ela permitiu levantar um questionamento interessante, por que uma turma com alta concentração de alunos por professor torna-se problemática? Quais os problemas advindos da alta densidade populacional de alunos por turma? Quais são os elementos que a afetam de forma direta e indireta o desenvolvimento das práticas de ensino, tais quais: conforto térmico, sonoro, de mobilidade e sociabilização? É fato que em todas as turmas, o professor assume a prerrogativa de mediar saberes para os diferentes alunos presentes nas salas de aula. Essa atribuição comporta uma série de dificuldades relacionadas à configuração desses espaços, uma vez que o trabalho escolar comporta uma série de resistências por parte dos alunos.

Parte dessas resistências se materializa nas práticas de indisciplina. Nas palavras de Kimura (2011, p. 31) “Em geral, identificam-se na escola e no professor as características de autoritarismo que os leva a se relacionarem com os alunos de modo a criar nestes uma situação propiciadora de alguma forma de contestação considerada indisciplina”. Parte destas formas de contestação tem relação com a configuração do espaço escolar e a forma como eles limitam as potencialidades de desenvolvimento dos alunos. “Essa contestação tem diversos modos de se mostrar, aparecendo ora como uma depreciação das dependências, do mobiliário, ora como uma resposta enviesada ou sarcástica. Ou surgem até mesmo situações além do limite de decoro aceitável, que chegam até a agressão física” (KIMURA, 2011, p. 32).

Os problemas causados pela indisciplina nos espaços escolares, materializada no fracasso de parte dos processos de ensino e aprendizagem, tem suscitado uma série de instrumentos jurídico-legais, como pareceres, portarias e projetos de Lei que visam disciplinar a quantidade de alunos por sala. Desse ponto de vista, o parecer do Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, que estabelece normas para ser aplicado no inciso IX do art. 4º da lei nº 9.394/96 da LDB, e que trata dos padrões mínimos de qualidade aponta um número ideal de alunos por turmas e relaciona esse quantitativo a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Existe de acordo com BRASIL (2010) um numero dito como ideal:

A definição de uma relação adequada entre o número de alunos por turma e por professor, que permita uma aprendizagem de qualidade. Nessa proposta, as seguintes relações aluno/professor por turma foram consideradas: (a) Creche: 13 crianças, (b) Pré-Escola: 22 alunos, (c) Ensino Fundamental, anos inicial: 24 alunos, (d) Ensino

Fundamental, anos finais: 30 alunos e (e) Ensino Médio: 30 alunos. (BRASIL, 2010, p.19).

Ainda no que diz respeito às iniciativas legais para disciplinar a quantidade de alunos por turma, destacamos o projeto substitutivo a lei nº 597/07 dos autores Jorginho Maluly (DEM-SP), e 720/07, do deputado Leonardo Quintão (PMDB-MG), “O relator salienta que a relação entre o número de alunos e professor por sala em cada etapa da educação básica é um dos fatores determinantes para se garantir qualidade de ensino.” Atualmente o projeto encontra-se em tramitação, com um caráter conclusivo pela comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania do Senado Federal.

Após três anos de tramitação a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei que limita o número de alunos por professor na educação básica, Lei nº 597/2007. Agora a proposta segue para o Senado Federal, nela limita para as turmas do ensino médio e dos últimos quatro anos do ensino fundamental (6º ao 9º) teria no máximo 35 alunos. Essa lei é de autoria do deputado Jorginho Maluly - PFL-SP, e ela alteram o Art. 25 da Lei nº9. 394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes bases da educação. Até a presente data (23/07/2018), ainda não existe resposta do Senado, pois o projeto estava em tramitação.

O deputado federal paraibano o Sr. Rômulo Gouveia, elaborou também um Projeto de lei (PL), que determina o número máximo de alunos por sala, mudando o Primeiro Parágrafo do Art. 25 da Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996; a proposta também aguarda aprovação do senado. Mesmo com as leis sendo encaminhadas para o Senado, devemos analisar os fatores que levaram a tantas escolas públicas a aceitarem um número exacerbado de alunos, investigar se a escola oferece o suporte básico de estrutura para atender então essa demanda, os fatores sociais e econômicos entre outros que devem ser analisados.

No nosso entendimento, a definição do número máximo de alunos por professor/turma, nas etapas da educação básica nacional, fixada em lei, embora pareça simples, será grande passo para se alcançar a plena educação, pois o número excessivo de alunos nas salas de aula pode trazer limitações intransponíveis, vez que impede o atendimento individual, obsta a troca produtiva de experiências, dificulta o repasse de conteúdo e, conseqüentemente, diminui o rendimento escolar (GOUVEIA, 2016, p.2).

De acordo com o projeto de lei, do Deputado Rômulo Gouveia, o número de alunos por professor, por turma, não pode exceder: a) 08 (oito) alunos na Educação Infantil, na faixa etária entre zero e dois anos; b) 15 (quinze) alunos para Educação Infantil, na faixa etária entre três e cinco anos; c) 20 (vinte) alunos para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais; e d)

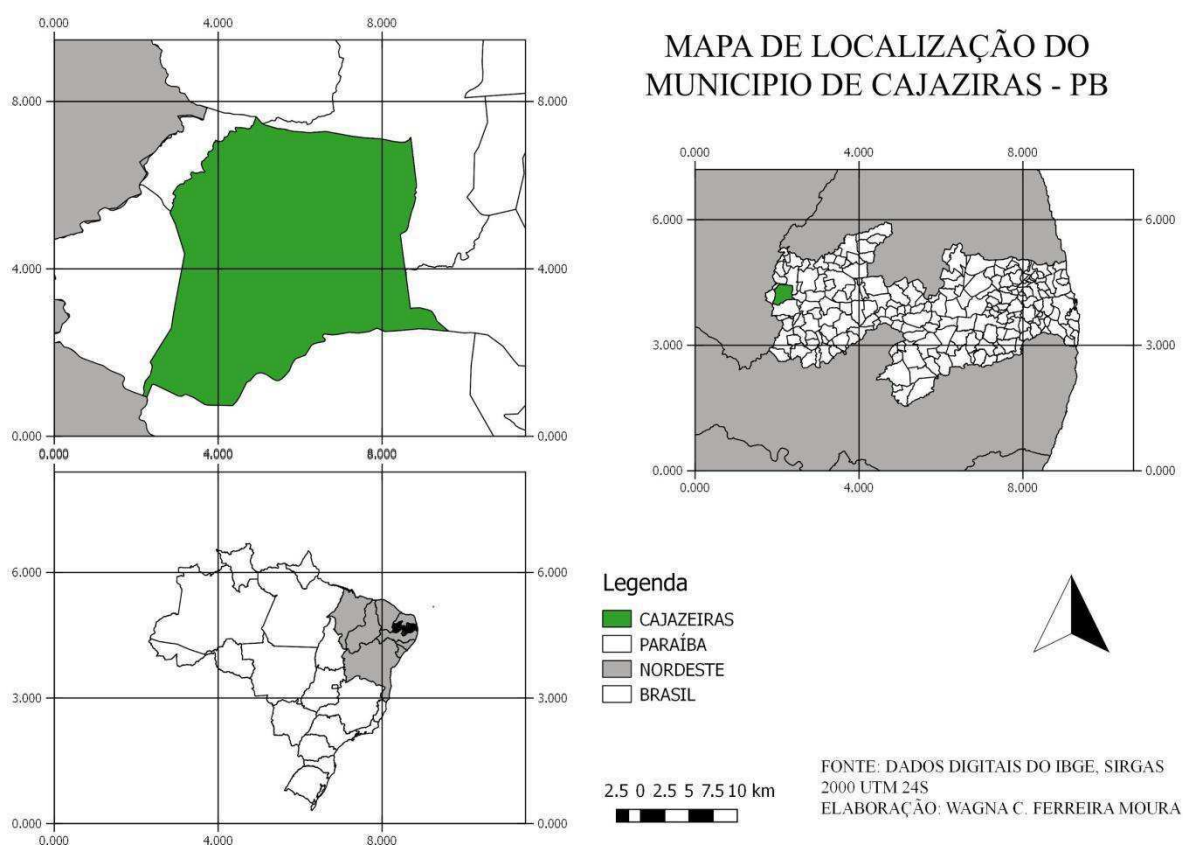
25 (vinte e cinco) alunos para o Ensino Médio. Embora nossa pesquisa tome como centralidade a problematização sobre a quantidade de alunos por turma como indicador de qualidade; compreendemos que é imprescindível a configuração espacial da escola como todo. A oferta e a demanda de vagas que ela possui, às políticas públicas oriundas da Secretária Estadual de Educação da Paraíba.

A qualidade da educação carece de uma atenção, diante do que foi apresentado, nota-se que não existe uma real preocupação sobre o que os alunos estão aprendendo, e qual a importância desse aprendizado para o seu cotidiano e suas relações dentro e fora do ambiente escolar. As escolas muitas das vezes não dão o devido valor a questões que interfere na qualidade do ensino que é ensinado aos alunos.

### **1.1 O Contexto espacial e o objeto da pesquisa**

A cidade de Cajazeiras (figura 1), localizada no alto sertão paraibano está situada na região oeste do estado, ela reúne 15 municípios e sua área corresponde a 565, 899km<sup>2</sup>. A cidade possui o clima semiárido seco, com temperaturas superiores a dezoito graus (18c°) e precipitação inferiores a sessenta milímetros em um ou mais meses no ano. Conhecida como “a terra que ensinou a Paraíba a ler” e denominada popularmente como cidade universitária. Cajazeiras possui atualmente, quatro (4) universidades, dentre elas uma (1) Federal e três (3) escolas técnicas, e três (3) Faculdades privadas, com polos na cidade. O título de universitária é decorrente às mudanças que esses polos universitários trouxeram para a cidade, principalmente no setor comercial e a crescente expansão no setor imobiliário.

Cajazeira possui na área urbana 57 escolas, entre elas 15 municipais, 11 estaduais, 29 privadas e 02 federais. Tendo 7.814 alunos matriculados no ano de 2018 na rede pública de educação, situada dentro dos limites da cidade, sem considerar todo o município, de acordo com as Secretarias Municipal e Estadual de Educação do município.



**Figura 1:** Mapa de localização do município de Cajazeiras – PB  
**Fonte:** Organizado pela autora (2019)

Na Figura dois (2) é possível localizar a escola na escala da cidade e observar o meio em que ela está inserida. Localizada no centro da cidade, está rodeada de uma série de dispositivos urbanos como: teatro, bancos, clínicas de saúde, centros culturais e estabelecimento comerciais. Nesse sentido a área possui toda uma grande movimentação de pessoas e veículos ao longo de todo o dia. Ela atende uma demanda de alunos de diferentes bairros e localidades do município, não se prendendo a demanda apenas do centro, a mesma também atende uma demanda proveniente da zona rural, em que os alunos realizam um fluxo migratório pendular.

Durante a pesquisa de campo, a escola investigada recebeu um documento oficial da Secretaria de Educação do Estado, solicitando o fechamento de duas turmas, em decorrência da questão citada acima, o espaço era demasiadamente pequeno, não comportando um total maior que 18 alunos. Como não é permitida pela secretária do Estado uma turma com menos de 25 alunos as duas turmas tiveram que ser fechada, e os alunos remanejados, ocasionando um número elevado de transferências.



**Figura 2:** Entorno da Escola Estadual Monsenhor João Milanez  
**Fonte:** Organizado pela autora (2019)

Observa-se na pesquisa, proveniente desse fechamento de turma, é que o Estado determina um número mínimo de aluno por turma, alegando os gastos necessários para a manutenção de uma turma, mas, não determina com vigor um número máximo de alunos por sala, colaborando para a ocorrência de turmas lotadas. É visível, nesse sentido, uma ausência de preocupação dos entes públicos com uma configuração espacial do espaço escolar que garanta uma qualidade ambiental para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

O fenômeno da superlotação se tornou algo tão comum nas redes públicas de ensino, que muitas às vezes passam a ser tratado/visto como um fenômeno natural, mas, será mesmo algo comum acumular 40 ou mais alunos em uma só turma, com um único professor para supervisionar, educar e ensinar, de forma a suprir todas as carências por parte do alunado? Enfatizando que carência não é só de conteúdo, pois apesar da importância da absorção de conhecimentos didáticos pedagógicos, temos algumas carências humanas, da qual podemos destacar a atenção, afinal nós humanos, necessitamos de uma fonte de atenção, uns mais e outros menos, porém todos necessitam.

Com o fechamento dessas duas turmas, outras que já eram consideradas numerosas, com uma densidade populacional bastante alta, com um número de aluno em torno de 37 a 40,

ficaram ainda mais numerosas ao receberem os alunos remanejados, totalizando então 48 alunos na turma de oitavo ano.

Com turmas tão numerosas assim, como um professor de geografia pode se sobressair, e conseguir manter um rendimento escolar, que supre todas as necessidades básicas dos alunos? Não me refiro apenas às necessidades relacionadas aos conteúdos programados, vistos que mesmo com sua importância não são os únicos conhecimentos a serem levados em conta, quando se trata de educação de crianças e jovens, como é o caso da educação básica.

O professor de geografia está sendo sempre cobrado por aulas, mais dinâmicas, inovadoras e lúdicas, visto que a disciplina de geografia é por muitas às vezes vista como uma matéria decorativa e necessita de mais apoio pedagógico além do livro didático, mas será viável uma atividade lúdica em escolas que não dispõem de espaços físicos adequados? É viável em uma atividade lúdica, um único professor de geografia atender de forma igualitária mais de 30 alunos, a fim de suprir as necessidades de forma harmoniosa de todos os sujeitos ali presente?

Salientando também que a turma pode ser considerada grande, quando a escola não comporta, ou seja, não possui estrutura física adequada para aquele número de alunos, podemos então, nos deparar com turmas de apenas vinte alunos, mas, que a área por metro quadrado não proporciona espaço suficiente para os mesmo. A escola investigada na pesquisa possui salas pequenas disponibilizando espaços reduzidos por aluno, porém, comporta um número de 50 alunos, o que faz o espaço se torna muito pequeno em relação à densidade populacional da sala.

Deparamo-nos então com duas situações a serem observadas, sendo elas, turmas com baixa densidade de alunos, porém, sem espaço necessário para comportá-los, e turmas demasiadamente grandes, com espaços físicos suficientes para a densidade de alunos, de forma a impossibilitar um rendimento escolar que supra todas às necessidades dos agentes envolvidos, de forma que o aluno seja prejudicado. Muitas às vezes não percebem o real motivo. Salientando que eles não são os únicos indivíduos prejudicados.



## 2. SOBRE A RELAÇÃO “ALUNOS X TURMA” COMO INDICADORA DE QUALIDADE EM EDUCAÇÃO

Igual uma criança que começa a andar, assim, “O Milanês” começava a caminhar através do trabalho dos educadores a descortinar e descobrir novos horizontes no campo intelectual dos alunos que nessa escola estudavam, hajam vistas que os mesmo subiam os degraus do Milanês dando seus primeiros passos em busca do conhecimento, no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita. Nesta tríplice de metáforas comparativas, narra-se a origem da escola do alto sertão paraibano (Maria do Carmo Santana, 2018 - Professora da Rede Estadual de Ensino em Cajazeiras – PB).

Uma educação de qualidade é crucial para a formação do indivíduo, e é notórios os benefícios que ela pode gerar, por isso se faz necessário mais estudos na área da educação, com ênfase na educação escolar, que muitas vezes torna-se marginalizadas.

O acesso universal a serviços básicos podem elevar as competências sociais e reduzir a vulnerabilidade estrutural. Pode constituir um poderoso fator de igualização das oportunidades e resultados. Uma educação pública universal de alta qualidade tem potencialidade, por exemplo, para estreitar o fosso que existe entre a educação de crianças proveniente de famílias ricas e pobres. A transmissão intergeracional de capacidades, podem perpetuar os benefícios a longo prazo (MALIK ET AL 2014, p. 5).

Às vezes nos prendemos muito ao desenvolvimento das temáticas das disciplinas escolares, a estrutura na escola ou a problemas que estão em constante evidência, mas, com um olhar mais atento podemos nos deparar com inúmeras problemáticas que passam despercebidas sem um olhar mais atento. Numerosas turmas são sempre assuntos citados durante os estágios dos alunos nos cursos de licenciaturas. Muitos relatos nas aulas teóricas de estágios deixam de forma bastante clara a dificuldade de ministrar aulas em turmas com uma densidade numerosa de alunos. Isso ocorre porque turmas grandes são mais trabalhosas tornando-se difícil de gerenciar, sendo mais problemática principalmente para professores iniciantes, destacando que não são os únicos a se depararem com esse problema.

O presente trabalho buscou estudar se o número de aluno por professor em sala afeta o desenvolvimento escolar, interferindo no aprendizado geográfico dos alunos e atribuindo uma sobrecarga aos professores. Tende-se há gastar muito tempo contornando a dispersão dos

alunos, fazendo chamada, esperando a colaboração da turma, todo esse tempo gasto compromete o tempo necessário para ministrar a aula e desenvolver os conteúdos, considerando que as aulas de Geografia são poucas, geralmente duas ou três na semana.

A estrutura da escola é também um fator relevante no desenvolvimento escolar dos alunos, aulas de geografia normalmente são consideradas monótonas, por serem ministradas apenas como uma disciplina teórica, mnemônica e “conteudista”. Porém, por vezes o que desestimula o professor é que não há espaço para se trabalhar algumas dinâmicas e atividades lúdicas dentro da sala de aula ou até mesmo fora, elaborando uma aula de campo no espaço externo da escola, tais como: jardins, pátio, quadra esportiva entre outros. Afinal não é fácil para um professor manter a gerência da sala com mais de 30 alunos.

Outro fator que colabora para a dispersão é o desconforto térmico encontrado dentro de sala, considerando a densidade ali presente, e a temperatura média anual da cidade de Cajazeiras-PB que é de 28° nos seus meses mais quentes e de 25,9° nos meses mais frios, a escola escolhida para a pesquisa não dispõe de outro tipo de ventilação diferente do tradicional ventilador.

Ainda hoje o mal-estar, causado no cotidiano das relações humanas, é relegado a um segundo plano, não se dá a atenção devida aos fatos menores. Os grandes eventos é que ganham as manchetes dos jornais, mas o desconforto do cotidiano, a exemplo do desconforto térmico, passa por vezes (inúmeras vezes) despercebido (TIBIRIÇÁ, 2008, p.45).

A identificação desses fatores dentro de sala de aula, os relatos do alunado junto ao corpo docente, caracteriza a importância desse trabalho, elucidando também a falta de trabalhos voltados diretamente para esses fatores, atribuindo-lhe a devida importância e os efeitos causados por turmas lotadas na educação básica. Como já dito anteriormente a escola está localizada no centro da cidade, onde existe um fluxo constante, ocasionando uma poluição acústica visível, além de um desvio de atenção, afinal para alguns se torna mais interessante o observar da janela, ao professor que está a frente da sala, há sempre uma movimentação constante ao redor da escola. Sobre esse aspecto, Silva e Muzardo (2016, p. 71) afirmam que,

O conforto acústico diz respeito á frequência, intensidade e duração dos ruídos aos quais os indivíduos estão submetidos. Sabendo também que estímulos sonoros inadequados podem gerar dificuldades de aprendizagem devidas, entre outras coisas, á deficiências na comunicação entre o professor e os alunos.

A escola possui outros fatores a serem observados como a estrutura que ela possui. Criada por meio de intervenção de Gratuliano Brito, no dia 09 de março de 1933, através do decreto de nº369, a partir de 2002, foi introduzida a segunda fase do ensino fundamental, sendo em 2005 a primeira turma concluinte, da oitava série conhecida atualmente como nono ano. De acordo com o PPP, a escola conta com: uma cozinha pequena sem ventilação; um depósito de materiais, também pequeno, pátio para recreação; três banheiros; e uma sala de informática. É a primeira escola pública da cidade de Cajazeiras, tendo então uma história pioneira na educação da cidade, dando início a uma inclusão educacional, abrindo as portas para que as demais classes sociais tivessem oportunidade de estudar. Sendo então a primeira escola pública de Cajazeiras, a escola completou no ano de 2019, 86 anos de história.

É natural que uma escola com mais de 80 anos, possua em sua estrutura algumas marcas do tempo, características que se fazem marcante na estrutura física da escola, e que se manifesta de formas bem expressivas, como a exemplos de salas grandes, com tetos bastante altos, que não vemos mais nas escolas mais novas, construídas atualmente. Iremos observar os espaços da escola, por parte, assim analisaremos de forma a trabalhar todos os espaços, nas perspectivas de cada um dele, começando pelas áreas comuns, áreas de convivências Mútuas dando início pelo pátio e cantina da escola:



**Figura 3:** lado esquerdo do pátio da escola.  
**Fonte:** acervo da autora (2019)

**Figura 4:** lado direito do pátio da escola.  
**Fonte:** acervo da autora (2019)

Esclarecendo que as figuras foram postas uma ao lado da outra, de forma proposital, ambas representa o mesmo espaço da escola, o pátio, porém, devido a sua extensão, não é possível captar em uma única imagem. A foto foi tirada as 09h15min da manhã, notam-se o sol presente, e que o espaço não possui nenhuma área coberta, a sombra presente da imagem,

é do prédio da escola e da árvore, que por sinal é bem simbólica, por se tratar de um pé de cajá<sup>1</sup>. Não possui banco ou nenhum outro atrativo.

Na imagem do lado direito, nota-se uma sala na parte de baixo trata-se da cozinha da escola, onde os alunos pegam suas merendas, de forma que se olharmos rápido a mesma passa despercebida. Estamos habituados a encontrar a cantina em um espaço centralizado em relação à escola, ou seja, a cozinha imposta dessa forma, no apresenta certa limitação espacial. Na figura 5, é a cantina, onde os alunos podem fazer suas refeições, mas, nota-se que neste ambiente é o único coberto, oferecendo sombra, também não possui mesas e as cadeiras são poucas, principalmente em relação ao número de alunos.



**Figura 5:** Cantina da Escola.  
**Fonte:** acervo da autora (2019)

Na perspectiva da educação devemos não se prender apenas a parte interna da escola, mas, analisar as políticas públicas, a escola em si, a demanda e o perfil atendido, a estrutura que o município oferece entre outros fatores peculiares. De acordo com Albernaz, Ferreira e Franco (2002, p. 523) “É natural, portanto, que uma melhor compreensão dos determinantes do desempenho educacional dos alunos brasileiros seja de grande interesse acadêmico e de política pública”.

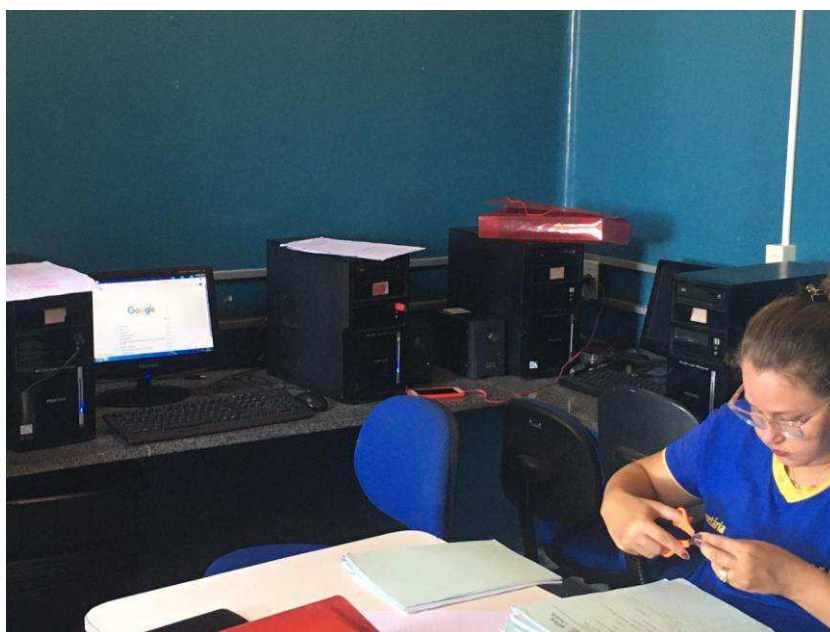
A academia deve estar ciente da existência da problemática, assim como os órgãos governamentais que regem por uma educação de qualidade e trabalha para que as melhorias venham acontecer, melhorias essas que busque entender as problemáticas que uma turma com

---

<sup>1</sup> A cidade Cajazeiras foi fundada a partir de um sítio, também com o nome de Cajazeiras, em decorrência dos inúmeros pés de Cajá pertencente àquele lugar.

número excedente de alunos pode trazer para a educação individual dos agentes que estão ali em busca de uma educação com qualidade social. Buscamos uma educação que de fato supra as necessidades básicas de todos os alunos, mas, que não se prenda apenas ao básico, afinal, se faz necessário uma educação que caminhe para frente, sempre com o ideal de melhorias e não apenas como algo abstrato, algo que não seja concreto.

Na imagem abaixo é possível ver o laboratório de informática da escola, infelizmente não foi possível uma captação da extensão de toda a sala, pelo reduzido espaço disponível, a foto foi tirada um pouco antes da porta de entrada da sala, de modo a ampliar o campo de visão, porém, sem sucesso.



**Figura 6:** Laboratório de Informática  
**Fonte:** acervo da autora (2019)

É possível notar o comprometimento do espaço que é a sala de informática, e ao ver a foto, podemos imaginar o quanto difícil é trabalhar com uma turma completa, talvez, seria viável escolher uma turma pequena e dividir em dois grupos. Tomaria mais tempo, porém é a uma ideia válida para aulas mais práticas de geografia. A imagem seguinte é de um terreno que fica localizado dentro das dependências da escola, a área não tem nenhuma utilidade aparente e passa a maior parte do dia exposta ao sol.



**Figura 7:** Área sem uso da escola  
**Fonte:** acervo da autora (2019)

Durante a entrevista com a gestora, a mesma relata que utilizará esse espaço disponível para a construção de uma sala de aula, onde a mesma aproveitará toda a extensão do terreno para que a sala seja bastante extensa e comporte um grande número de alunos, assim como as salas de dentro da escola. As salas de aula da escola são largas e compridas, típicas das construções antigas, para comportar o número excedente de alunos, mas, quando se trata de aulas com metodologia mais ativas e que mudem a configurações das carteiras, não fica fácil de trabalhar, isso é decorrente da impossibilidade de se organizar um círculo, observem:



**Figura 8:** sala de aula, 8º ano,  
**Fonte:** acervo da autora (2019)

Na imagem acima, um grupo de estudante do curso de geografia da UFCG, buscaram configurar as cadeiras em forma de círculo. O intuito do professor ao formar um círculo em sala, é poder observar todos de forma igual, e tirarem os mesmos de fileiras, de forma que um fique ao lado do outro e não atrás. Porém, na imagem é nítido que os alunos ainda ficam enfileirados, uns atrás dos outros, afinal é necessário um espaço muito grande, para se obter exceto ao fazer um círculo com tantos jovens.

A sala de aula atende as necessidades da turma? E dos docentes? Antes de respondermos essas perguntas, devemos observar que para se ter conforto em sala de aula é necessário se fazer presente três componentes, são eles: O conforto térmico, o conforto luminoso e o conforto acústico. O conforto térmico significa que uma pessoa usando uma quantidade normal de roupas não sente nem frio nem calor demais. O conforto luminoso significa que o ambiente não é escuro, mas, também não é claro demais, possui uma luz que possibilite uma visão sem esforço, com muita facilidade. O conforto acústico, não é apenas a presença de ruído externo, mas implica também na acústica da sala de aula.

A estrutura e os espaços da escola, são delicados para serem trabalhados, afinal, muitas das vezes não vemos as interferências que os mesmos trazem para a educação, é em decorrência disso, merecem outros olhares. Cada espaço na escola possui sua função, educar vai para além da sala de aula, um simples banco no centro da escola pode fazer diferença, assim como uma biblioteca, afinal, área de convivência social também são áreas educativas.

De acordo com os entrevistados na tese de Pessoa (2017), sobre o início de carreira dos professores de geografia, houve vários relatos aonde a problemática decorrente às numerosas turmas veio à tona, mostrando que essa problemática não está tão omitida entre as entrelinhas como se imaginava ao escolher trabalhar com esse tema, segue então, alguns dos relatos:

Foi tudo muito novo, muitas regras, muitas informações, turmas muito numerosas e indisciplinadas. Realmente foi um “choque de realidade”, a primeira coisa que pensei foi: “meu Deus será que eu irei me adaptar? Será que sou capaz? Como é que eu irei fazer isso?” [...] eu não saí da universidade preparado para a sala de aula (PESSOA, 2017, p.219).

Foi angustiante, eu pensava que iria para a sala de aula feliz, depois que eu realmente descobri como era a escola particular eu ia dar aula porque precisava do salário. [...] eu vivi muitos momentos de angústia e de pressão, eu queria fazer algo e não conseguia, não avançava com os conteúdos, as turmas eram muito numerosas e trabalhosas, eu não tinha autonomia, existiam turmas que eu não suportava trabalhar [...] (PESSOA, 2017, p.219).

São inúmeras as dificuldades enfrentadas por professores em início de carreiras, mas seria dificuldades apenas dos professores iniciantes? Quantas vezes professores não já se depararam com situações onde por um instante julgaram não serem capazes de resolver? A escola, e principalmente a educação básica, enfrenta inúmeras barreiras de aprendizagem.

Existem inúmeros estudos sobre metodologias de ensino, práticas que o professor deve utilizar em sala de aula, para se obter um melhor rendimento educacional, mas, será se são apenas as metodologias que interfere na relação de ensino-aprendizagem? Essa pesquisa busca mostrar “N” fatores que podem contribuir para uma redução na qualidade do ensino nas escolas de ensino básico. Fatores relacionados a espacialidade da escola, as suas características ambientais e a infraestrutura que dispõe para os processos de ensino são imprescindíveis para refletir o tipo de qualidade educacional que problematizamos nesse trabalho.

Ressaltamos que, do ponto de vista das políticas públicas contemporâneas a concepção de qualidade em educação está muito mais articulada a um rol de indicadores materializados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB; do que na qualidade espacial da escola onde se desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem escolar. De acordo com os dados do IDEB, até o ano de 2017, o município de Cajazeiras, supera a meta nos anos iniciais do ensino fundamental, mantendo-se sempre em um nível considerado bom, em relação às metas estabelecidas, porém, nos anos finais do ensino fundamental, mostra-se o oposto, afinal, não conseguimos atingir as médias. O último ano que o ensino fundamental anos finais conseguiu atingir a média, foi em 2011. Precisamos entender como está às escolas e sala de aula do ensino fundamental neste município, e tentarmos buscar uma dissolução, da realidade escolar.

Em uma análise mais nacional, é possível observar que os estados, Paraíba e Ceará, localizados no nordeste, estão conseguindo consecutivamente, do ano de 2005 a 2017 atingir as metas propostas pelo IDEB, mostrando de forma geral um rendimento considerável para a educação, assim também temos o estado de São Paulo, na região centro oeste, o centro financeiro do país, mostrando ótimos dados, e em contrapartida temos o estado do Rio Grande do Sul, localizado na região sul do país, onde o último ano que consegui atingir a média foi em 2009, no ano de 2011 permaneceu com o mesmo rendimento, e nos anos seguinte obteve uma pequena melhora, mas, não suficiente para atingir a média estabelecida pelo IDEB.

Sabemos que esse método de avaliação busca avaliar a educação de forma geral, muitas vezes genéricas, acreditou ser necessário um estudo que seja singular, que em meio a diversos fatores importantes encontrados na escola, podemos selecionar alguns para ser



estudados de forma mais detalhada, para comprovar se eles afetam de forma qualitativa a relação aluno x professor. De acordo com o site do próprio IDEB:

O IDEB funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias. Para tanto, o IDEB é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente.

O IDEB executa uma avaliação bastante limitada, onde os únicos conhecimentos avaliados são os de língua portuguesa e matemática, não levando em consideração as outras disciplinas, e muitos menos os aspectos particulares de cada escola, afinal por mais que aos olhos de alguns a escola se apresenta de formas parecidas, elas são bastante singulares de sua estrutura até a sua formação, pessoal, cultural e educacional, contida nas relações dentro de cada escola. Isso o IDEB não analisa, não leva em consideração a estrutura que a escola oferece não apenas para os alunos estudarem, não para que os professores lecionam, o número de alunos presente em cada sala de aula, o desconforto térmico e acústico, entre outros fatores.

### **3. A QUALIDADE ESPACIAL NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES SUJEITOS ESCOLARES**

#### **3.1 A gestão da escola na perspectiva da organização do espaço educativo**

Muitas hipóteses podem ser elaboradas em relação à organização da escola, mas, partindo de um pressuposto que, as escolas não podem ser estudadas em forma de plural, generalizando pelo fato de possuírem a mesma base de saberes e o mesmo objetivo final que é de educar. É importante ressaltar, que cada escolar é singular em relação às outras, cada gestor frente à escola tem suas maneiras de administrar e gerenciar, de forma a introduzir o seu ponto de vista, frente a equipe docente e demais funcionários, que juntos formam parte do corpo da escola.

Para entendermos um pouco o contexto dessa organização, foi necessário realizar uma entrevista com a gestora da escola. O referido instrumento de coleta de dados foi semiestruturado, ou seja, as perguntas foram elaboradas de forma antecipadas, mas, todas possuem o intuito de deixar a coordenação, representada pela diretora da escola confortável para expressar de forma espontânea e clara de modo, a não deixar dúvidas e suprir todas as dúvidas ainda presentes na elaboração dessa pesquisa.

Ao observamos uma escola, com um número de espaços limitados, e um número de aluno, considerável para o tamanho e estrutura que a escola oferece, se tornou imprescindível entender como se da à gestão desses espaços, para que assim possa obter um maior aproveitamento do espaço escolar, tornando todos eles socialmente agradável, para utilização de toda a comunidade escolar, e até mesmo atrativa para professores e demais educadores, elaborem e executem atividades de ensino e aprendizagem das diferentes disciplinas. Ao perguntar sobre como se da gestão dos espaços, a diretora relata as dificuldades, principalmente no horário da tarde, por ser o horário considerado mais quente. A mesma afirma senti pena dos alunos:

[...] Por ficarem no pátio assim só olhando uma para a cara do outro “né”, vejo assim para os alunos da tarde que é muito quente, tem hora que eu fico com pena, “teve” um dia que eu os peguei e coloquei em frente a escola, que é mais frio, os coloquei porque a tarde é mais quente. [...] (GESTOR)

Em decorrência da importância da ampliação de espaço dentro da escola, a diretora, junto com o conselho da escola, pretende fazer algumas melhorias, a fim de beneficiar os alunos, promovendo espaços mais sociais e esportivos, favorecendo melhorias nas relações entre alunos, e até mesmo os agentes envolvidos dentro a comunidade escolar. Mas sabemos que para que melhorias sejam feitas na escola, temos que ter uma demanda de renda. Limitando as frequências das reformas e mantendo mais as pequenas manutenções, afim apenas de manter e conservar o espaço. Para as obras e manutenção a escola conta com duas verbas, sendo o PDDE Federal e o PDDE Estadual, de acordo com a direção da escola, porém com essa verba que a escola recebe, são feitas as benfeitorias, que serão decididas no Orçamento Democrático, que é feito a partir de uma assembleia que é formada pelo conselho da escola, alunos e a comunidade, sendo ela representada pelos pais dos alunos.

Na assembleia do orçamento democrático, o conselho da escola expõe suas propostas, assim como os demais agentes presentes, podem e devem apresentar projetos e expor suas opiniões, de forma coletiva o projeto que obtiver maior aprovação, é posto em prática no decorrer do ano seguinte. A gestora acrescenta que:

[...] Essa verba se posso dizer, é para isso mesmo que falei antes, fazer uma sala, então esse dinheiro que está para vim a gente que fazer uma sala, quer pintura, assim você percebe que a nossa escola é antiga, a gente quer fazer assim, cara nova 2020, assim, pintar as portas, ser ajustadas, banheiros. Reforma grande assim não dá, até por que as escolas do estado, a única que está tendo reforma é o colégio Manoel Manguera, e a nossa escola, estão assim, entre as escolas que irá entrar em reforma, mas, não sabemos o dia, podem fazer pequenas reformas, mas reforma grande mesmo só depois do outro colégio. (GESTOR)

Torna-se bastante complicada a gestão dos espaços, principalmente para os docentes, afinal, são eles que mais possuem contato direto com seus educandos, de acordo com a gestora, as maiores reclamações são em relação à falta de biblioteca, já que a escola não possui um lugar para leitura e acessível diretamente para os alunos e desenvolvimento de atividades com metodologias mais ativas. “Os professores, não todos, veem muito assim, a questão de não ter biblioteca, nós não temos, temos assim um mini cantinho de leitura, que é na sala dos professores, que eu fiz, ai coloquei lá as instante com os livros [...]”.

Destacando então os espaços que a escola possui e sobre sua utilização, afinal, a escola conta com um laboratório de informática, equipado, e aberto em todos os horários para serem utilizados por todo o corpo discente. Porém, os docentes não podem ministrar aula, pelo limite de espaço da sala, e pelo reduzido número de computadores, viável apenas para algumas turmas do turno da tarde consideradas pequenas. De acordo com a gestão da escola, é

inviável levar turmas para terem aulas no laboratório de informática, porém é livre o acesso a eles de forma individual ou em grupo para a realização de pesquisas escolares. Sobre a liberdade de utilização do laboratório pelos alunos a diretora relata que:

Os alunos, eles tem todo direito de utilizar para fazer pesquisa, os alunos que estudam de manhã muitas vezes chegam, diretora posso vim à tarde para fazer uma pesquisa? Eles têm todo direito, assim, não tem como os professores trazerem as turmas, porque a sala é pequena, assim, dá para fazer a tarde, pois a tarde a numeração de alunos é menor, a tarde é perfeita, os professores vêm trás os alunos, em dupla, eles vem e trabalham, temos uma pessoa do apoio em informática. Só de manhã que não tem como, mas de vez enquanto os alunos vêm, os professores pedem na hora da aula, professor, quero fazer uma pesquisa, que professor tal pediu, eles estão com todo direito de entrar na sala e ter um acompanhamento para a pesquisa, como imprimir, nós temos um pen-drive aqui que é só para eles passar para a gente imprimir aqui para eles. (GESTOR)

Considerando que a escola está com um número considerável de alunos em relação aos seus espaços disponíveis e a qualidade da educação, é delicado falar sobre o número de matrículas disponível para o próximo ano letivo. A gestora relatou que as salas comportam um total de 50 alunos, de forma que todos fiquem enfileirados, em decorrência a extensão da sala, porém, afirmou que não pretende superlotar as turmas assim, principalmente por causa dos professores, afinal, é difícil gerenciar 50 alunos por turma, ainda mais levando em consideração a quantidade de turmas que o mesmo professor trabalha.

A gestora afirmou que esse ano tem uma procura elevada pela escola, ela acredita que seja em decorrência a sua localização, enfatizando que recebe alunos de todas as áreas da cidade, e até mesmo alunos da zona rural. Por esse fato, a escola conta com um caderno de reservas, onde o pai que deixa claro seu interesse em matricular o filho na escola pode reservar sua vaga. E em relação à organização do numero de alunos por turma e turno a gestão já decidiu que:

Quando chega naquela quantidade de alunos, a gente quer fazer de tudo para não deixar a sala numerosa, por exemplo, temos só esse ano o oitavo ano que tem 49, mas, fica difícil para os professores, a sala fica enorme, queremos chegar no máximo 40 vamos dizer, chegou aluno, beleza, mas se chegar mais pais, com aluno, a gente diz, pronto acabou, só temos a tarde, por isso, na próxima semana, vou começar as matrículas, então os primeiros que chegar naquela quantidade de aluno a gente dispõe e pronto, só a tarde. (GESTOR)

Durante e depois das matrículas a gestão da escola, junto com a secretaria e coordenação pedagógica, vão elaborar o trabalho da divisão das turmas, o que se pode ver na escola, que necessita de alguns ajustes, por causa do fechamento das salas, como foi citado no

capítulo dois. Pela manhã as turmas são bastante numerosas, ocorrendo o fenômeno da superlotação, como é o caso do 8º ano com 48 alunos, mas a tarde é possível notar turmas muito pequenas.

A gestora não soube informar como será feita a divisão das turmas, mas ressaltou que seguiram o PPP da escola, e trabalharam com os alunos de forma que garantam diminuir as dificuldades de aprendizagem, com ênfase em língua portuguesa, leitura e escrita, elaborando projetos, para incentivar os discentes. Se a escola conta com salas de aula consideravelmente grande, onde comporta o número de 50 alunos, e está sendo bastante procurada para a realização de matrículas, existe alguma política educacional que limite o número máximo de alunos por sala, de forma a se seguida fielmente? A gestora afirma que na diretoria da escola, existe um número limite, mas, a mesma não sabe informar, mas sabe que, o número mínimo necessita ser seguidas, afinal, duas turmas já foram fechadas por essa razão.

[...] Foi já agora mês de setembro, agosto, vieram um ofício da secretária de educação dizendo que, tem que ter uma numeração de alunos em sala de aula, se a direção puxasse a diretoria, realmente tem. Eu só não fechei quando cheguei às salas de aula, porque eu disse, não, já está funcionando, então, já que os outros anos funcionavam. Mas, quando veio este ofício, eu fui e conversei com os pais, foi assim, um “muído” muito grande para fechar essas turmas, eu não peguei os alunos e coloquei para fora não, o que foi que eu fiz? Peguei as turmas juntei os alunos aqui de manhã e os pais que quiseram colocaram à tarde, então assim, teve que fazer isso, o pessoal da gerência veio, conversou comigo, com os professores, com os pais, explicando, por que assim os pais que não entenderam, disseram que estavam fechando as turmas, como é que pode? Isso é errado, mas assim, eu não peguei os alunos e coloquei para fora, jamais fiz isso, peguei os alunos que morava na zona rural, que eu sei que não tem transporte a tarde, juntei com a turma da manhã, peguei os alunos que moram na cidade e coloquei a tarde, e deu tudo certo. (GESTOR)

Número de alunos, estrutura, espaços, localização, temperatura, todos esses fatores provocam alguns desconfortos, como citados no capítulo dois, sendo eles, o conforto acústico, luminoso e térmico. Precisamos entender de um ponto de vista organizacional, como esses desconfortos estão presentes na escola.

Junto com os professores, nós fazemos como? As salas quando o sol bate demais aí elas fecham a janela, mas quando fecham a janela faz calor, acendem as lâmpadas, não tá calor, mas se abrir a janela o sol entra, junto com os professores e os alunos eles tem o jeitinho deles, quando o sol bate naquela área, eles fecham as janelas ligam os ventiladores, aí eles conseguem escrever, porque a claridade bate no quadro, eu sei que eles e os professores tem o jeitinho deles. Eu sempre passo na sala e fico observando, fico andando nos corredores, aí vez em quando passo nas salas, e digo assim, o que foi que as janelas estão fechadas? Não diretora, é que o sol está batendo aqui, não estamos vendo o que escreveu no quadro, então assim, junto com os professores tem o jeitinho deles. (GESTOR)

Não é uma tarefa fácil organizar uma escola, com esse modelo de estrutura, essa localização e com esse número de aluno, sendo sua maior parte em apenas um turno, toda essa gestão de espaços e pessoas, em muitos casos não é compreendida de forma a entender como elas afetam no desenvolvimento e aprendizagens das crianças e jovens que estão sendo educada nas dependências desses espaços, afinal, a educação não se faz apenas em sala de aula e o conhecimento não se dá apenas da relação aluno professor.

### **3.2 O professor de Geografia e a percepção sobre o espaço escolar**

Sabemos da importância de uma pesquisa como está frente à área da Educação, contudo, devemos analisar tal problemática diante da aula de geografia, e como professores desta disciplina agem com os obstáculos que se apresentam, durante o ano letivo, qual a visão deles em relação à estrutura física ofertada pela escola e demanda de alunos, como eles buscam driblar essas problemáticas.

O professor de geografia tem uma necessidade por espaço, desde nossa formação trabalhamos com a importância de aulas fora da sala de aula e sempre tentamos levar essas experiências do novo para os alunos. Um grupo de alunos observando a escola fora da sala de aula, podendo ser no pátio da escola, na quadra, ou em qualquer outro ambiente. Foi questionado ao professor, nesse sentido, se a escola teria espaço para tais atividades?

Espaços propriamente construídos na escola, para serem espaços onde serão desenvolvidas as atividades diferenciadas, além da sala de aula, praticamente não existe, existem o laboratório de informática que ele funciona, num espaço muito restrito, muito restrito mesmo, é praticamente impossível de eu levar qualquer turma para lá, tipo, não cabe, nenhuma das turmas da escola cabe nesse laboratório de informática, além do fato que os computadores de informática ser de um pregão de 2003, então eles são equipamentos bastante antigos, são computadores extremamente antigos, a boa parte deles nem funciona mais (PROFESSOR 1, 2019). A questão de criar atividades, essa questão dos espaços, em algumas das turmas é muito complicado, por que eu tenho turmas muito numerosas, que tipo, praticamente não cabe com as cadeiras enfileiradas, tipo, é o caso do 8º ano da manhã, praticamente não cabe na sala mesmo com as cadeiras enfileiradas, então, procurar outra organização de cadeiras, eu procurar fazer outra atividade que não os coloquem enfileirados é praticamente impossível, algumas turmas, principalmente as da tarde, são menos alunos, bem mais fácil de trabalhar essas questões de tentar outras configurações de carteiras, ou então não usar as carteiras. (PROFESSOR)

E mesmo que o professor não busque trabalhar com os seus alunos em outros espaços, como o professor de geografia, age diante de turmas com uma densidade populacional elevada, de forma a suprir com as necessidades dos alunos de forma individual, afinal, nem todos temos o mesmo ritmo de aprendizado, mas como é possível dispor de uma atenção individual quando o tempo disponível é pouco e a demanda de atenção é muita? O professor consegue se sobressair e ministrar todo o conteúdo de geografia que também é lhe cobrado pela BNCC?

Quanto às aulas de geografia, do conteúdo de geografia em si, eu não achei o espaço limitante, obviamente eu poderia fazer, eu acho, poderia fazer um trabalho muito melhor se tivesse mais espaço para utilizar, se eu tivesse laboratório, se eu tivesse salas com menos alunos, pois isso faz total diferença, pois todo mundo que já esteve em uma sala de aula sabe que isso faz total diferença, que é praticamente impossível para um professor dar aula para 51 alunos em uma turma, onde você não pode nem se mover para escrever no quadro. O que eu faço não somente na geografia, mas nas especificidades da geografia, o que eu tento fazer, dentro dos meus limites, e eu acho que é o que dá para fazer, é você dá uma atenção maior aos alunos que tem na real, uma dificuldade muito maior, que fica muito mais ressaltada, por que realmente eu não consigo ver pequenas dificuldades, eu não consigo ver pequenos empecilhos, para o avanço dos alunos. Porque eu tenho muitos alunos numa sala, fica praticamente impossível para mim, tem que ser um problema real, grande e em determinado aluno, para eu conseguir ver, conseguir se sobressair na multidão. (PROFESSOR)

Dentro de todo esse contexto observado acima, de espaço, de falta de estrutura e do número elevado de alunos, será que os alunos possuem alguma dificuldade que se sobressair diante das outras, de modo a se ter uma necessidade de uma atenção especial voltada para ela, a fim de suprir essa carência, mesmo que não por completa, mas que assim diminua o abismo existente entre os alunos e a geografia.

Eu acho que a maior dificuldade, é porque tipo, a maioria dos alunos vem com uma construção de que a geografia ser uma coisa muito chata e decorativa, e algo totalmente distante da realidade deles, e eu acho que é uma coisa que não devia acontecer, porque a geografia é totalmente o oposto disso, a geografia é o dia a dia e a geografia está sempre lá, a geografia é uma parada totalmente interdisciplinar, então, eu posso trabalhar a geografia com o dia a dia de todos os tipos de alunos, e eles têm uma visão totalmente diferente disso, eles sempre acham que tipo, a geografia é algo decorativo, eu vou decorar coisas que são referentes a outras coisas que eu nunca vou ter contato. (PROFESSOR)

Com todas as dificuldades que o professor de geografia enfrenta, e às vezes até mesmo com a rotina criada no dia a dia escolar, ele seria um professor com metodologia ativas, afinal, a estrutura ofertada para o mesmo o limita bastante, ou já teria aberto mão dessa dificuldade e

se tornaria o professor que tanto julgamos como tradicional aquele mesmo que, já abdicou de sua criatividade e em meio às dificuldades da docência, buscou metodologia para tradicionais.

Eu sempre tento trazer aulas que sejam que eles tenham o mínimo de atenção na aula, que eles tenham o que fazer na aula, porque eu acho que tipo, as aulas somente expositivas não funcionam aqui, real, não funcionam aqui, e eu acho que isso é uma especificidade, pelos meus estágios, que não é muita experiência, mas, tipo pelo que eu vi, no ensino fundamental, essas aulas somente expositivas não funciona, então mesmo que não traga uma oficina, mesmo que eu não produza um material didático, mesmo que eu não faça um jogo, eu tento criar minimamente uma conversa entre os alunos, não sei, talvez, isso já seja uma metodologia ativa, estou propondo aos alunos que eles participem da aula, não que eles fiquem parados sentados como se fossem estátuas, porque isso seria impossível, pois são crianças. (PROFESSOR)

O espaço nos condiciona e é importante que o professor não se deixe se limitar em decorrência disto, afinal, temos que exercitar nossa criatividade, e aumentar nossa perspectiva futura a fim de propormos sempre ousar dentro da educação, para obter sempre uma melhoria na qualidade de aprendizado dos nossos alunos, instigando sempre um pensamento, crítico, social e cultural, afinal, a geografia é o mundo, e o mundo não se prende apenas a sala de aula, e nem cabe no livro didático.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste presente estudo possibilitou uma análise sobre uma problemática que observei durante meus estágios e práticas docentes nas escolas, a fim de verificar como a quantidade de alunos interfere no método de ensino-aprendizagem. Permitindo-me ir a campo para obter dados mais persistentes, de forma a ampliar meu campo de visão, através dos olhos de agentes envolvidos diretamente e diariamente no ambiente escolar.

A partir dessa pesquisa podemos observar que são diversos os fatores que influenciam de forma direta e indiretamente na qualidade da educação, e que muitas às vezes, nas rotinas corriqueiras do dia a dia acabam passando despercebidas, mas, ao olharmos com calma, e observarmos de forma ampla a escola, é diversas as riquezas de detalhes que saltam aos nossos olhos.

A verdade é que são poucos os estudos voltados a essa temática, e em cima desse argumento, que defendo a sua importância. Não é uma tarefa fácil a de educar e de ensinar, ainda mais com turmas superlotadas, onde o professor como educador, é impossibilitado de fornecer atenção individualizada. Portanto na maioria das vezes se submete a uma generalização quando se trata de aprendizado da turma, não suprimindo assim as necessidades de alguns, tornando-os suas dificuldades invisíveis.

Os professores necessitam de uma estrutura que lhe acolha, e facilite seu trabalho, de forma a contribuir de forma significativa no trabalho de educar. Não podemos romantizar a ideia de que quem quer aprender, aprende em qualquer lugar. Esse pensamento é um tanto quanto obsoleto, afinal, é notório que as dependências onde se irão aprender influência de forma significativa no nível e na qualidade de ensino.

Nosso foco de discussão principal era compreender como a quantidade está relacionada à espacialidade da escola, foi possível notamos como a escola se adaptou ao número de alunos, e como o planejamento de aulas dos professores moldou diante da disponibilidade da escola. A configuração do ambiente se dá nesses espaços de forma muito tradicional, ou seja, cadeiras enfileiradas uma atrás da outra, não havendo muitas possibilidades de mudanças de configurações, mesmo que em outros espaços, que não seja a sala de aula. O processo de ensino e aprendizagem, assim como as práticas é afetado pela qualidade de espaço disponível.

Foi possível compreender como os espaços da escola interferem na qualidade da educação dessa escola, salas apertadas para modificação de configuração, até mesmo em um simples círculo, sem espaços diferenciados para atividades lúdicas, impossibilitando muitas das atividades com metodologias mais ativas. Os docentes sem apoio pedagógico, além do livro didático, e essa realidade faz parte do cotidiano de muitas escolas, não é algo exclusivo da Escola Estadual João Milanês.

Este trabalho nos possibilitou uma abertura de um leque de possibilidades para se estudadas possivelmente em outros momentos. Tais como a influência dos confortos térmico, acústico e luminoso na educação básica, a falta de espaços para o desenvolvimento de atividades práticas, a escassez de material de apoio pedagógico como suporte para o docente, entre tanto outros, que devem ser estudados com mais ênfase.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Ângela; Ferreira, FRANCISCO H. G.; FRANCO, Creso. Qualidade e equidade na educação fundamental brasileira, Departamento de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

DALFORO, Michael samir, LANA, Rogério Adilson, SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada. Blumenau, V.2 n.4, p.01-13, Sen II. 2008.

FRANÇA, Marcos Tulio Aniceto, GONÇALVES, Flavio de Oliveira. Sistemas públicos de ensino fundamental e a perpetuação da desigualdade: democracia e qualidade educacional como promotoras de justiça social, 2012.Rev. bras. estud. popul. [online]. 2012, vol.29, n.2, pp.303-322.

FRASER; GONDIM; BAHIA, DANTAS. Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões Sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa. Paideia, Paidéia (Ribeirão Preto) vol.14 no.28 Ribeirão Preto May/Aug. 2004

GADOTTI, Moaci. Qualidade na Educação: uma nova abordagem. In. Congresso de Educação Básica: QUALIDADE NA APRENDIZAGEM: Rede Municipal de Ensino em Florianópolis. 2013

GOMES, Candido Alberto. A escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 281-306, jul./set. 2005

MALIK, K., Jespersen, E., Kugler, M., Kovacevic, M., Bhattacharjee, S., et al. (2014). Relatório do desenvolvimento humano 2014. Sustentar o progresso humano, reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência. Washington DC: PNUD.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MEC, 2009. Documento Referência: Conferência Nacional de Educação. Brasília: MEC

MOFATE, Óscar Luís. Gestão da sala de aula em turmas grandes estudo de caso em turmas do esg1, disciplina de história, numa escola do município da Matola, Moçambique, 2017. Tese - Instituto de Educação, Curso de pós-graduação em educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2017.

NIZAMETTIN KOC, BEKIR CELIK, The Impact of Number of Students per Teacher on Student Achievement, Elsevier, V. 177, páginas 65-70, 22 de abril de 2015.

SANTOS, Milton. Espaço e Método, 5ª edição, São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Fabio Luiz da. MUZARDO, Fabiane Tais. Estudo exploratório sobre o espaço escolar: a percepção de professores de escolas públicas. Revista Thema, v.13, n.1, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. MEYER, Dagmar Estermann. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PESSOA, R.B. Professores de geografia em início de carreira: Olhares sobre a formação acadêmica e o exercício profissional. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, p, 223. 2017

## **BASE DE DADOS**

CÂMARA DOS DEPUTADOS, Brasília. 2007. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=FB06143447CD40662F2A80D67DA7A43E.proposicoesWeb2?codteor=689371&filename=Avulso+-PL+597/2007](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FB06143447CD40662F2A80D67DA7A43E.proposicoesWeb2?codteor=689371&filename=Avulso+-PL+597/2007)> Acesso em: 13 de Set. 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, Brasília. 2016. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1440304](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1440304)> Acesso em: 13 de Set. 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, Brasília. 2007. Disponível em:  
<<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=346373>>  
Acesso em: 13 de Set. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL, Cajazeiras. 2019. Disponível em:  
<<https://cajazeiras.pb.gov.br/o-municipio/geografia/>> Acesso em: 20 de Agt. 2019.

EDUCAÇÃO PÚBLICA,CECIERJ, Rio de Janeiro. 2003- Disponível em:  
<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0071.html>> Acesso em 10 de Set. 2019.

QEDU. 2017 - Disponível em:<<https://www.qedu.org.br/cidade/4039-cajazeiras/ideb>> Acesso em 10 de Set. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE, Michaelis, 2019. Disponível em:  
<<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/qualidade/>>  
acesso em 19 de Nov. 2019.

## APENDICE

### **Roteiro de Entrevista realizada com a Gestora da escola:**

- Como é feita a gestão do espaço da escola?
- Quais os recursos disponíveis para reformas e manutenção das dependências da escola? Em relação à manutenção da infraestrutura, com que frequência ocorre às reformas ou restauração dos espaços?
- Quais as demandas que os professores colocam em relação aos espaços da escola, no que diz respeito ao conforto para o desenvolvimento das atividades?
- Qual a quantidade de matrículas disponíveis por ano letivo?
- Quais políticas são utilizadas para a divisão de turmas em função da quantidade de alunos? Qual o papel da coordenação pedagógica?
- Como é trabalhada a questão de indisciplina e a preservação do espaço da escola pela comunidade escolar?
- Qual o número máximo e mínimo de alunos por turmas? Existe algum indicativo da Secretaria Estadual de Educação?

### **Roteiro de Entrevista realizada com o professor de Geografia da escola:**

#### **Entrevista (Professor):**

- Qual a disponibilidade de espaços acessíveis para diferentes práticas de docência você encontra disponível na escola? É fácil acessar tais espaços?
- Como é a relação de atividades lúdicas, voltadas para os processos de ensino, em relação ao espaço ofertado em sala de aula e em laboratórios, pátio e demais ambientes?
- Qual grau de dificuldade você encontra para administrar as turmas, no que se refere a operacionalidade do trabalho em Geografia?
- Você consegue perceber a diferença de aprendizado em turmas com menor e maior densidade de alunos?
- Você utiliza tecnologias digitais para ministrar as aulas de Geografia? Quais? Elas estão disponíveis na escola?

- Qual a maior dificuldade em relação à aprendizagem dos alunos em Geografia?
- Como você faz para dispor de uma atenção individual aos alunos em função das suas especificidades geográficas?
- Você se julga um professor que se baseia em metodologias ativas ou um professor mais tradicional?